

## somos todos canibais<sup>1</sup>

claude lévi-strauss\*

Até 1932, as montanhas do interior da Nova Guiné compunham a última região totalmente desconhecida do planeta. Formidáveis obstáculos naturais protegiam seu acesso. Garimpeiros de ouro, seguidos logo depois pelos missionários, foram os primeiros a penetrá-la, mas a Guerra Mundial interrompeu essas tentativas. Apenas a partir de 1950 foi possível perceber que esse vasto território era habitado por quase um milhão de pessoas falando línguas diferentes de uma mesma família lingüística. Esses povos ignoravam a existência dos brancos, que foram tomados por divindades ou fantasmas. Seus costumes, suas crenças, sua organização social iria abrir aos etnólogos um campo de estudos inimaginável.

\* Filósofo de formação, realizou pesquisas etnográficas no Brasil Central na década de 1930, período em que foi professor de Sociologia na Universidade de São Paulo. Conhecido como inventor da antropologia estrutural, é membro da Academia Francesa e do Collège de France, onde criou o laboratório de Antropologia Social.

Não somente aos etnólogos. Em 1956, um biólogo americano, Dr. Carleton Gajdusek, descobriu uma doença desconhecida. Nas pequenas populações divididas em cerca de 160 aldeias num território de 250 milhas quadradas, somando quase 35 mil indivíduos, uma pessoa em cada cem morria todo ano de uma degenerescência do sistema nervoso central manifesta por uma tremedeira incontrolável (donde o nome da doença: kuru, que significa “tremar” ou “tiritar” na língua do principal grupo) e por uma desorganização progressiva dos movimentos conscientes, seguida de múltiplas infecções. Após acreditar ser a doença de origem genética, Gajdusek demonstrou que ela era causada por um vírus de ação lenta, particularmente resistente, e que até hoje não foi isolado.

Foi a primeira vez que se percebeu uma doença degenerativa causada por um vírus de ação lenta no homem; mas as doenças animais, como o *scrapie*<sup>2</sup> e a doença das vacas loucas que recentemente fez estragos na Grã Bretanha, são muito parecidas. No próprio homem, uma outra afecção degenerativa do sistema nervoso, a doença de Creutzfeldt-Jacob, existe em estado esporádico no mundo inteiro. Mostrando que, como no kuru, ela pode ser inoculada nos macacos, Gajdusek provou que ela é idêntica ao kuru (uma predisposição genética, contudo, não foi excluída). Ele recebeu o prêmio Nobel em Medicina, em 1976, por esta descoberta.

No caso do kuru, a hipótese genética não coadunava com a estatística. A doença acometia as mulheres e crianças pequenas com freqüência muito maior que os homens, a ponto de se contar, nas aldeias mais afetadas, uma mulher para cada dois ou três homens, às vezes quatro. Surgido talvez no começo do século,<sup>3</sup> o kuru também tivera conseqüências sociológicas: redução da poligamia, proporção aumentada de homens solteiros e

## Somos todos canibais

de viúvos encarregados da família, além de mais liberdade das mulheres na escolha do cônjuge.

Mas se o kuru é de origem infecciosa, faltava ainda encontrar os vetores do vírus e a razão da repartição anormal entre as idades e os sexos. Procurou-se em vão pelo lado da alimentação e da insalubridade das cabanas, nas quais vivem as mulheres e crianças (separadas de seus maridos ou pais, que moram juntos numa casa coletiva; os encontros amorosos ocorrem nas florestas ou nos jardins).

Quando os etnólogos entraram por sua vez na região, desenvolveram uma nova hipótese. Antes de passar ao controle da administração australiana, os grupos vitimados pelo kuru praticavam o canibalismo. Comer o cadáver de certos parentes era uma maneira de lhes testemunhar afeição e respeito. Cozinhava-se a carne, as vísceras, o miolo; preparava-se os ossos pilados com legumes. As mulheres, responsáveis pelo trincho dos cadáveres e pelas outras operações culinárias, apreciavam particularmente essas refeições macabras. Pode-se supor que elas se contaminavam ao manipular os cérebros infectados e que, por contato corporal, contaminaram suas crianças pequenas.

Parece que, naquela região, essas práticas canibais começaram a ser realizadas na mesma época em que o kuru apareceu; e que, depois que a presença dos brancos deu fim ao canibalismo, o kuru diminuiu regularmente até hoje quase desaparecer. Uma relação de causa e efeito poderia pois existir. A prudência contudo se impõe, uma vez que as práticas canibais descritas com um prodigioso luxo de detalhes pelos informantes nativos, já haviam desaparecido quando as pesquisas começaram. Não dispomos de nenhuma observação direta, de experiência realizada em campo, que permita afirmar que o problema esteja definitivamente resolvido.

Eis que, há alguns meses, na França, na Grã Bretanha, na Austrália, a imprensa se apaixona por casos da doença de Creutzfeldt-Jacob (idêntica ao kuru, eu disse) ocorridos após injeções de hormônios extraídos de hipófises humanas, ou enxertos de membranas provenientes de cérebros humanos (a hipófise é uma pequena glândula situada na base do cérebro). Esses tratamentos servem para combater, no primeiro caso, problemas de crescimento de crianças, e no segundo, a esterilidade feminina. Diversas mortes foram assinadas na Grã Bretanha, na Nova Zelândia, nos EUA, relativas à esterilidade; outras mais recentes, foram registradas na França, entre crianças tratadas através de hormônios de crescimento extraídos de cérebros humanos provavelmente mal esterilizados. Fala-se de um escândalo compatível àquele que, numa escala maior, comoveu a opinião pública francesa com o caso do sangue contaminado pelo vírus da AIDS e, como nesse último caso, as queixas foram depositadas na justiça.

Assim, a hipótese sugerida pelos etnólogos e aceita pelos médicos e biólogos, de que o kuru, doença própria de algumas pequenas populações exóticas, tinha sua origem no canibalismo, encontra uma ilustração surpreendente entre nós: aqui e ali, as doenças irmãs se transmitiam às crianças e às mulheres que, através de caminhos sem dúvida diversos, incorporavam materiais cerebrais humanos. Um caso não prova o outro, mas há entre eles uma admirável analogia.

Talvez surjam protestos contra essa aproximação. Entretanto, que diferença essencial há entre a via oral e a sanguínea, entre a ingestão e a injeção, para introduzir um pouco de substância de outrem num organismo? Uns dirão que é o apetite bestial pela carne humana que faz o canibalismo ser horrível. Deverão, pois, restringir essa condenação a alguns casos extremos, e

subtrair da definição de canibalismo outros casos atestados, impostos como dever religioso, muitas vezes cumprido com repugnância, repulsa mesmo, traduzida em mal-estar e vômitos.

A diferença que estaríamos tentados a estabelecer entre um costume bárbaro e supersticioso, de um lado, e uma prática fundada no saber científico, de outro, também não será probatória. Atualmente empregos de substâncias retiradas do corpo humano, procedimentos científicos aos olhos das antigas farmacopéias, são superstição para nós. E a medicina moderna, ela própria proscreveu há alguns anos os tratamentos, há pouco tidos como eficazes, porque se revelaram inoperantes, senão nocivos. A fronteira parece ser menos nítida do que gostaríamos de imaginar.

Entretanto, o senso comum continua vendo na prática do canibalismo uma monstruosidade, uma aberração tão inconcebível da natureza humana que certos autores, vítimas do mesmo preconceito, chegam a negar que o canibalismo tenha alguma vez existido. Invenções de viajantes e etnólogos, dizem. A prova: durante o século XIX e XX, estes produziram inúmeros testemunhos provenientes do mundo todo, mas nunca uma cena de canibalismo foi diretamente observada por eles. (Deixo de lado aqueles casos excepcionais em que pessoas, quase morrendo de fome, foram constrangidas a comer seus companheiros já mortos, pois o que se contesta é a existência do canibalismo como costume ou como instituição.)

Num livro<sup>4</sup> brilhante mas superficial, que teve grande sucesso junto ao público mal informado, W. Arens baseou-se particularmente nas idéias admitidas sobre o kuru. Se as histórias do canibalismo são fábulas advindas, como afirma,<sup>5</sup> da cumplicidade entre os pesquisadores e seus informantes indígenas, não existe mais a razão de acreditar que na Nova Guiné o canibalismo

esteja na origem do kuru, menos ainda que na Europa a doença de Creutzfeldt-Jacob se transmita também pela via do canibalismo: hipótese grotesca que ninguém afirmou.

Ora, acabamos de ver precisamente que é a realidade incontestável do segundo caso que, sem trazer a prova, confere uma verossimilhança acurada ao primeiro.

\*\*\*

Nenhum etnólogo sério contesta a realidade do canibalismo, mas todos sabem também que não se pode reduzi-lo à sua forma mais brutal, consistindo em matar inimigos para comê-los. Este costume certamente existiu, tanto que no Brasil onde — para ficar num único exemplo — alguns viajantes antigos e jesuítas portugueses que viveram no século XVI durante anos entre os índios e falavam sua língua, fizeram testemunhos bastante eloqüentes.

Ao lado deste exocanibalismo, deve-se localizar um endocanibalismo que consiste em consumir em grande ou muito pequena quantidade a carne fresca, apodrecida ou mumificada de parentes defuntos, seja crua, cozida ou carbonizada. Nos confins do Brasil e da Venezuela os índios Yanomami, infelizes vítimas, como sabemos, dos garimpos de ouro que invadiram seu território, consomem ainda hoje os ossos previamente pilados de seus mortos.

O canibalismo pode ser alimentar (em período de penúria ou por gosto pela carne humana); político (como castigo de criminosos ou por vingança contra inimigos); mágico (para assimilar as virtudes dos defuntos ou, ao contrário, para afastar suas almas); ritual (se ele decorre de um culto religioso, de uma festa dos mortos ou de maturidade ou para assegurar a prosperidade agrícola). Pode enfim ser terapêutico como atestam as numero-

sas prescrições da medicina antiga, e na Europa mesmo num passado não tão longínquo. As injeções de hipófise e os enxertos de matéria cerebral, das quais falei, os transplantes de órgãos tornados hoje prática corrente, decorrem indiscutivelmente dessa última categoria.

As modalidades do canibalismo são, pois, tão variadas, suas funções reais ou supostas tão diversas, que se chega a duvidar que a noção de canibalismo, tal como é empregada correntemente, possa ser definida de modo mais ou menos preciso. Ela se dissolve ou se dispersa quando se tenta delimitá-la. O canibalismo em si não possui uma realidade objetiva. É uma categoria etnocêntrica: só existe aos olhos das sociedades que o proscurem. Toda carne, qualquer que seja a proveniência, é um alimento canibal para o budismo que crê na unidade da vida. Ao contrário, na África, na Melanésia, povos fazem da carne humana um alimento como um outro qualquer, senão às vezes o melhor, o mais respeitável que, dizem é o único a “ter um nome”.

Os autores que negam a existência presente e passada do canibalismo sugerem que a noção foi inventada para aprofundar ainda mais o fosso entre selvagens e civilizados. Nós atribuiríamos falsamente aos primeiros costumes e crenças revoltantes a fim de nos proporcionar uma boa consciência e de confirmar a crença na nossa superioridade.

Invertamos essa tendência e tentemos perceber em toda sua extensão os fatos do canibalismo. Sob modalidades e com fins extraordinariamente diversos segundo os tempos e os lugares, trata-se sempre de introduzir voluntariamente, nos corpos de seres humanos, partes ou substâncias provenientes do corpo de outros humanos. Assim exorcizada, a noção de canibalismo parecerá doravante bastante banal. Jean-Jacques Rousseau via a origem da vida social no sentimento que nos leva

a identificarmos-nos a outros. Afinal, o meio mais simples de identificar outrem a si mesmo é ainda comê-lo.

Em última análise, se os viajantes em terras longínquas se inclinaram facilmente, e não sem complacência, diante da evidência do canibalismo, é que, sob essa forma generalizada que permite abarcar a totalidade do fenômeno, o conceito de canibalismo e suas aplicações diretas ou indiretas, acontecem em todas as sociedades. Como mostra o paralelo que tracei entre os costumes melanésios e nossos próprios usos, pode-se até dizer que ele existe também entre nós.

Tradução do francês por Dorothea Voegeli Passetti.

### Notas

<sup>1</sup> “Nous sommes tous des cannibales”, publicado em *Lévi-Strauss*, Michel Izard (org.). Éditions de L’Herne. Paris, 2004, pp. 34-36. A publicação original é em língua italiana: “Siamo tutti cannibali”, *La Repubblica*, 10 de outubro de 1993.

<sup>2</sup> O termo inglês *scrapie* é também usado no Brasil para designar essa doença neurodegenerativa que afeta o gado bovino e caprino, que em francês é conhecida como *tremblement du mouton* (NT).

<sup>3</sup> Século XX (NT).

<sup>4</sup> William Arens. *The man-Eating Myth*. New York, Oxford University Press, 1979.

<sup>5</sup> Idem, pp. 111-112.



*RESUMO*

*O canibalismo além da forma amestrada que conhecemos é também uma designação etnocêntrica se for compreendido como do humano, todos somos canibais.*

*Palavras-chave: Etnocentrismo, ciência, canibalismo.*

*ABSTRACT*

*Cannibalism beyond the domesticated form that we know is also an ethnocentric designation if comprehended as belonging to the human, we are all cannibals.*

*Keywords: Ethnocentrism, science, cannibalism.*

*Indicado para publicação em 4 de outubro de 2005.*